

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

2.956
52
BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

De todo o coração nos felicitamos e felicitamos a todos os Brasileiros : aportou em nossas praias no dia 3 do corrente a augusta imperatriz do Brasil : a monarchia recebeu mais essa probabilidade de duração. A monarchia é o principio conservador dos estados ; sem ella hoje não pôde haver estabilidade : uma unica nação no mundo se apresenta, onde a falta de elemento monarchico não tem até o momento actual obstado aos progressos moraes e materiaes do paiz : mas é uma excepção, na qual se derão e dão circumstancias mui peculiares ; e não é com excepções que se governa o mundo. Todavia não se illuda alguém com nossas palavras : a vida dos Estados Unidos da America é ainda mui curta para dar argumento ; e por vezes a união tem estado a dissolver-se : uma miseravel questão a respeito do banco esteve a dar fim desse povo, que alguns querem ver como o unico modelo a seguir. Que miseria ! alguns milhões de cruzados, e nada mais !

Não : no estado em que hoje se acha o mundo, não ha nação sem monarchia. Os tempos antigos nos apresentam exemplos contrarios ; mas não vivemos nós nesses tempos ; e assim como nos ririamos, se ali vissemos alguém passear nas ruas com os vestidos que usaram os gregos e os romanos, ou com que combateram na terra santa os Ricardos e os Godofredos, assim tambem merece levar na cara uma gargalhada aquelle, que nos quer impingir, que o mundo pôde ser governado por essas antigas fórmãs. Assim como a importancia, que nas sociedades tem tomado a classe media, tem tomado indispensaveis as fórmãs mixtas, assim tambem a illustração, os costumes, a grandeza das nações fazem que não possam prescindir em suas constituições do elemento monarchico.

E nesta parte nos avantajamos nós a todas as nações nossas conterraneas. Em quanto todas repelham o governo hereditario de um só, nós o admittimos : e a sombra d'elle temos vivido, em quanto nossos vizinhos se tem degolado uns aos outros : e

tem acabado por serem mais escravos do que nunca o foram no tempo, em que estiveram sujeitos á Hespanha. Que liberdade gozam hoje Montevideo e Buenos-Ayres ? E por ventura nao obedecem ao mundo de um só ? Com a differença que esse nao nasceu para os governar.

Mas não é occasião de discutir questões politicas, que nos não consente o coração : demasiadamente cheio pelo objecto de que tratamos, repelle outras quaesquer considerações.

Parabens pois, ó Brasileiros : nossa imperatriz, a descendente dos Cezares, é chegada. Oriunda das antiquissimas familias de Bourbon e Austria ; ligada em mui proximo parentesco com a augusta casa de Bragança, prima irmã do Sr. D. Pedro I, e da Sra. D. Leopoldina ; a Sra. D. Thereza Christina é mais um penhor de nossa prosperidade e ventura. Ha pouco vimos ausentar-se de nossas praias uma de nossas princezas : uma daquellas orfãs, a quem a morte roubou sua mãe em tão tenra infancia, e logo depois acontecimentos politicos roubaram seu pai, mas que confiadas á nação Brasileira, esta as não abandonou, apesar de tantas calumnias, que por esse mundo lhe quizeram assacar ; pelo contrario, a curou, e lá foi ella ser brilhante ornamento, onde ornamentos não faltam : entao derramámos lagrimas de pezar ; mas agora mudaram-se as cousas ; agora recebemos da Europa uma augusta princeza, e derramamos lagrimas, porem de alegria.

Queira o céo abençoar este consorcio : queira o céo que em breves annos ahi vejamos os dous augustos esposos, o nosso imperador e a nossa imperatriz, rodeados já de numerosa prole : queira o céo dar-lhes longa vida para que ensinem seus descendentes a reger povos ; por que a ventura do Brasil é excepcional : um monarcha que nas circumstancias do Sr. D. Pedro II reuna as suas qualidades é excepção, sobre que se não pôde estabelecer argumento. Queira os céos pois, que o Sr. D. Pedro II e a Sra. D. Thereza Christina vejam longos dias ; e que nos deixem descendencia tal, que não tenhamos mais que temer pela sorte de monarchia em nossa terra.

O *Echo do Rio* falla com toda a sinceridade do seu coração.

O SR. FEIJÓ NÃO É REBELDE.

Por vezes tem acontecido nos tribunaes criminaes do paiz que confessa um réo ter commettido um delicto; mas o tribunal decide que não, que o réo não commetteu. Hypotheses se podem dar, em que isto seja verdade; alguns factos ha (supponho que não no Brasil) em que réos que aliás confessavam um crime, não eram culpados d'elle; todavia em these similhante decisão é a mais solemne zombaria, que se dar pôde, e muitas vezes tem feito subir aos labios de muitos o sorriso da indignação.

Pois isto querem agora alguns senadores do imperio, que se verifique no julgamento do Sr. Feijó. Disse este que era verdade ter tomado parte em uma sedição (assim o diz elle) na provincia de S. Paulo; e lamenta que suas molestias o não deixassem obrar mais activamente; confessa ter ajudado isso que chama sedição com seus conselhos e com seus escriptos.

Mas o Sr. Paula e Sousa e o Sr. Lopes Gama não querem tal; entendem que o Sr. Feijó não entrou em similhante cousa; ou pelo menos que dos autos presentes ao senado não ha prova para tanto. De modo que o Sr. Feijó diz que sim: o Sr. Paula e Sousa e Lopes Gama dizem que não; e sejam lá juizes com similhantes mordomos! E por que o querem assim esses Srs.? Porque? Cuidamos que por que querem insultar a opinião publica, querem escarnecer da razão, e da evidencia. Que procurassem tangente por onde pretendessem fazer escapar o accusado, bem: era-lhes isso licito, se do accusado são amigos ou advogados; mas atacar de frente aquillo que todos sabemos, que todos vimos com nossos proprios olhos, que o mesmo réo tem sempre confessado, é zombaria, é a mais atroz irrisão, que se nos pôde fazer.

E' bem manifesta a difficuldade de poder livrar o Sr. Feijó da pena, em que incorreu como rebelde! o arbitrio proposto pelo ministro da justiça não pôde quadrar, por que não querem os patronos do réo consentir, em que este seja dado por demente: não, elles não querem que se diga, que a sua causa foi causa de doudos; e por isso recusam essa escapatoria. Mas soffrerão a condemnação? não, e também não. E por isso negam: se não negam absolutamente admittem a possibilidade de não ser o Sr. Feijó envolvido em similhantes cousas. E' necessaria muita audácia! Pois o Sr. Feijó algum dia disse que não teve parte nesses acontecimentos? pois não passaram elles ali á vista do Brasil inteiro? Foi por ventura crime, que ficasse occulto no segredo de uma casa, ou nas trevas da noite?

O que quereis, homens sem fé? Quereis que o Sr. Feijó não seja punido ou que não seja julgado? Dizei-o por uma vez. Quereis justificar esses attentados de Sorocaba? Por que vos não apresentaes ao

paiz, dizendo: sao direitos exercidos! Honra mil vezes ao Sr. Hollanda, que ao menos não se rebuçou: que disse alto e bom som: os movimentos de S. Paulo e Minas foram generosos, foram patrioticos. Esta linguagem entendemos nós: é afoiteza, que se assemelha muito á convicção: mas buscar rodeios, tão tortuosos como os que buscam o Sr. Paula e Sousa e Lopes Gama, é de tartufos politicos, que nem tem convicção nem coragem.

O Sr. Feijó entrou nos acontecimentos de Sorocaba, tomando nelles parte activissima; um julgamento do senado em sentido contrario só servirá para fazer escarnecer do senado. Os acontecimentos de Sorocaba constituiram verdadeira rebelião.

Deve o Sr. Feijó ser punido? Essa é questão á parte, unica, que compete agitar no senado, unica da sua competencia.

OS SOFRIMENTOS DA OPPOSIÇÃO.

Uma das accusações que mais amudadas vezes é feita ao governo pela gente da opposição é os padecimentos por que passam aquelles que não votam com o gabinete. Segundo a opposição todos são martyres: o governo é o novo Nero, que faz morrer no meio de violentas torturas todos os seus inimigos. E todavia nada ha mais falso: e para o provar mostraremos um por um todos os individuos da opposição. Muitos ali occupam empregos publicos; e os vão desfructando em pleno socego no remanso da paz, sem que o governo pareça que ao menos saiba da existencia de semelhante gente; e se culpa deve ser imputada ao gabinete é pela indiferença com que olha para semelhantes cousas. O gabinete conscio da justiça da causa que defende, não se importa com esses latidos de seus inimigos, muitos (não todos) são movidos por inveja, pelo desejo de os ver descer do posto para o occuparem, sem todavia terem a consciencia de fazerem melhor. O Sr. Urbano é empregado publico; e empregado o Sr. Peixoto de Brito, e também o Sr. Pacheco: e outros, e outros, que tantos nomes quasi podia comprehender esta lista, quantos são os dos opposicionistas: e por ventura já algum delles tem soffrido marcas de soffrimento? Qual é o alento dado pelos ministros a seus amigos? Esse tempo desgraçado passou; e não são os membros do actual gabinete que o hão de resuscitar.

Não confundamos opposição com rebelião, e os opposicionistas são os mais interessados em conservar esta separação. A aquelles que cooperaram abertamente para a rebelião, a esses tem o governo uma ou outra vez dado mostras de desafeição; mas supponho que lhe não pode ser isso imputado a crime; porém á gente da opposição ainda um só incommodo não fez soffrer.

E' muito vulgar que um empregado demittido por causas que elle bem sabe, e que por sua propria honra ficam em silencio, se apadrinha com moti vos politicos: em todos os tempos tem acontecido

isso; em todas as opiniões ha desses individuos; mas erra aquelle que confunde motivos politicos com o que não é politico, e o publico deve sempre suspender o seu juizo sem de leve culpar um ministro que teria alma mui baixa se se empregasse em vinganças tão pequeninas, como muitas vezes se attribuem a todos os ministros.

E se opposição tem havido sem razão de queixa é a actual: aberrando (alguns de seus membros) muitas vezes dos limites do decoro, provocando dissensões as mais desagradaveis e as mais odiosas, todavia ahi vivem como se nada fosse com elles. Ora, em direito constitucional ha um uso, e é que o empregado, que não gosta do governo, deixa o emprego, mas em quanto existe nelle, pelo menos conserva-se em mudo silencio. Cá entre nós não é assim: empregados fallam, fallam, e tornando a fallar contra o gabinete, já se sabe, e todavia vão desfructando os ordenados, e queixando-se de que o governo só tem maioria ficticia, maioria de empregados.

Vão desfructando seus empregos esses, que assim rullam; peçam a Deos que outro ministerio não venha, que entenda as cousas de outro modo; talvez que tarde se arrependam. Oh! com o actual gabinete estão elles seguros: até o Sr. Urbano, até o Sr. Nunes Machado, até o Sr. Peixoto de Brito.

ORÇAMENTO E SENADO.

O senado tem-se occupado com a discussão do orçamento que foi por sua commissão emendado, sendo de notar que já algumas emendas têm passado, na segunda discussão. Supponho que na terceira discussão estas emendas terão a mesma sorte, e assim terá o projecto de voltar á camara dos deputados, para ver se concorda ou discorda. Muito estimamos que o senado use do seu direito, e que queira tomar a importancia que nossas leis lhe dão, e á qual muitas vezes têm como que renunciado.

O senado é o corpo conservador, é o esteio da monarchia. Deixemos-nos de palavras, que de pouco servem. S. M. tem um throno em o coração de cada Brasileiro; mas infelizmente um coração não é dos alicerces mais seguros: um momento de error pôde fazer cahir o alicerce, e por consequencia o throno que sustenta. A aristocracia do nascimento hoje já vale pouco; mas em seu lugar e mais poderosas ficarão as aristocracias do saber e do dinheiro: e são estas, e principalmente a primeira, que representa o senado, e pena é que também não represente bem a segunda. Na camara dos deputados podem haver, e com effeito ha homens muito illustrados; mas o deputado está no principio de sua carreira, ainda não é conhecido: o senador tem chegado onde por eleição podia chegar; é homem anteriormente distincto, que raras vezes uma nullidade conseguirá entrar em uma lista triplíce, e ainda mais raras será escolhida. E isto mesmo affirmamos a respeito de todos os senadores actuaes. Circumstancias desgraçadas levaram ao senado algumas pessoas, que talvez em

tempos normaes não conseguissem lá entrar; mas são mui poucos, e de mais, não eram nullidades, attentos os motivos que decidiram a sua escolha. Foram da moda; e não é culpa delles se a moda já passou.

O senado pois representa principalmente a aristocracia do saber: ora, isto é o mesmo que dizer que é um corpo essencialmente conservador, porque o homem que combina duas idéas, e não é visionario, pôde não ser conservador? E o corpo essencialmente conservador é o primeiro esteio da monarchia. E como será possívelentão querer que elle se conserve em nullidade?

Mas não cuide alguém que por isso estimamos as discussões a Lopes Gama e Paula e Sousa: essas acarretam desdouro. Não é pelas muitas palavras que se consegue o respeito publico; pelo contrario é esse e meio mais facil de o perder.

A calma e sisedez sao os meios essenciaes de conseguir influencia: antes votar sem dizer porque, do que estar-se queixando que o ministro espia, e outras que taes necesidades.

ARGUMENTAÇÃO DE MESTRE.

O actual governo não é economico, é pelo contrario desperdiçado, por que só para a repartição do imperio pede 2,700 contos, quando em 1830 se fez a despeza com 1,400 contos, e só a dotação imperial era de mil contos.

Como ficou o Sr. Paula e Sousa tão satisfeito quando produzio este argumento: saltava-lhe o contentamento por todos os poros do corpo. Mas li estava o genio negro de S. Exc: lá estava o Sr. Honorio, que lhe não consentiu, que saboreasse por muito tempo esse prazer. No orçamento de 1830 disse o Sr. ministro, não se contava a dotação imperial na parte do imperio; acrescentada esta ahi temos 2,400 contos: não havia consignação para paquetes de vapor, a qual é ordenada por lei, e não por arbitrio ministerial: esta sobe a 400 contos; ahi temos 2,800 contos, isto é mais do que se pede agora. Acrescentem-se outras muitas despezas ordenadas por lei, como são augmentos de ordenados ao ministro d'estado, aos presidentes de provincia, e aos lentes de academias &c., creação de outros, como, aos conselheiros d'estado; e ahi temos que o orçamento actual no que depende do governo, é muito inferior ao de 1830.

Ah! Sr. Honorio: V. Exc. é muito máo; não deixa ter prazeres a gente! O Sr. Paula e Sousa ficou, ficou que parecia uma mumia mudo e quedo.

LOGICA SUBLINE.

A Relação da Bahia andava muito mal dirigida desde tempos muito antigos: entrou o Sr. Galvão para a sua presidencia, mudaram as cousas de face: logo não é necessario que o governo tenha o direito de nomear os presidentes das Relações; ahi está um caso em que o acaso remediou o mal, sem

ser precisa a intervenção do governo. Assim argumentou a opposição. A argumentação é digna da causa. Temos de esperar, que o acaso nos queira servir para andarmos bem governados, e até lá iremos como Deos fôr servido. E se o governo tivesse tido o direito de livre escolha, não se teria já este mal remediado a mais tempo, e não andariam em ordem os trabalhos dessa relação? Andariam; mas seria preciso dar ao governo essa attribuição, e todos os males devem ser preferidos a este.

CONTRABANDO.

Algumas embarcações promptas a sahir para o Rio Grande, foram mandadas descarregar, e examinar, para ver se levavam dentro algum contrabando. Louvamos muito o zele das autoridades. Não poderia porem esta visita ser feita no ponto da chegada? Não se poderiam remetter avisos ás autoridades do logar até pelas mesmas embarcações? O contrabando no Rio de Janeiro é muito facil; pôde ir por terra até á Copa Cabana, e lá ser embarcado em qualquer canoa; no Rio Grande, ou em outro qualquer logar, é que deve ser a fiscalisação. . . Parece-nos; todavia mais deve saber disto o Sr. ministro, do que nós.

NOTICIA.

Uma folha desta capital, dando conta do estado da imprensa, e fallando de nós, diz que somos pequeno, e publicamos artigos de doutrina: mas que como ha pouco tempo, que viemos á luz, não pôde fazer juizo a nosso respeito. O collega não aventura juizos! Mas, palavras a respeito em nada interessão ao publico.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Agora conheço eu de quanto serve a publicação dos trabalhos do corpo legislativo, e parabens dou á minha fortuna por ter um amigo, que de vez em quando me empresta o *Jornal do Commercio*; e certamente fico de bocca aberta, quando leio as profundezas, que dizem alguns daquelles Srs., cujas fallas vêem escriptas naquella folha. E' o caso, Sr. redactor. Nasci pobre, e meus pais não me deixaram fortuna; mas á custa de muito trabalho, e bastante economia, sem faltar ao preciso, Deos louvado, pois que corpo com fome não é trabalhador, consegui juntar uns quatro continhos, ou dez mil cruzados. Vai, que fiz eu: disse comigo: este dinheiro deve ganhar dinheiro, não deve estar ocioso, por que na minha casa ninguém está ocioso; vamos dar-lhe emprego. Consultei um amigo, e este me aconselhou que o puzesse a premio. Assim fiz; mas como não sou usurario, e de mais quem paga premios muito grandes não pôde ir longe, dei o meu dinheiro a tres quartos ao mez. Maldita hora, em que tal fiz! Sr. redactor, o homem, a quem o dei, quebrou, sem ser pelo espinhaço, e o meu dinheiro foi-se.

Mas não fica aqui. Eu fiquei muito zangado, e fui logo procurar um advogado, que me pareceu um homem chão e abonado; expuz-lhe o meu caso, e fiz-lhe ver, que o tal mediante quebrado, era um

fino ladrão; por que não tinha livros, d'onde se scubesse o que devia e o que lhe deviam; sem mostrar prejuizos, apresentava-se devendo centenas de contos de réis, a tal, a tal, e tal. Oh que não sei de nojo como o conte! O tal doutor das duzias disse-me assim: — Homem, você tem razão: (você a mim que ia de casaca!) tem razão; mas não tem justiça. — Ui! repliquei eu; pois como é isso? razão sem justiça! -- Sim, tornou o doutor; não ha tribunaes, onde possa recorrer. — Pois não estão ali os subdelegados, juizes municipaes, e chefes de policia? — Assim é; mas elles não lhe podem formar esse processo, por que não estão autorizados para julgar se uma quebra é ou não fraudulenta. — Pois vamos ao jury. — Peior ainda; não vê que preciso é fórmr culpa? — Pois Sr. doutor, ponha-lhe um libello. — Libello para que? para declarar fraudulenta a quebra? nem a acção é competente, nem você (aqui franzi eu as sobrancelhas) pôde por ahí fazer nada, que a acção seria muito dispendiosa e demorada; e depois da sentença obtida, ainda teria de começar o processo crime, e talvez ou não houvesse pronuncia, ou o jury absolvesse. Sabe que mais? vá ver se ganha outro, e não me tome mais o tempo. Contra fallidos hoje não ha recurso; só páo. — Isso não. — Pois então adeus.

E assim me despediu o tal doutor. Ora, Sr. redactor, elle tinha tanto livro, que eu considerei: o homem estudou; o homem já leu aquelles livros todos; o homem deve saber, e por tanto vamos para casa seguir o seu conselho.

Fiz bem, ou mal? Muita gente me disse, que fiz bem: eu tambem assim o pensava; mas agora vejo que fui um pedaço d'asno; por que li no *Jornal do Commercio*, que disseram dous deputados — o Sr. Urbano e outro, que havia leis para isso e para tudo o mais. Fiquei arrebetando de contente. E lá vou á casa delles, que elles hão de me pregar com o sujeito na cadeia. Bemaventurada é a mãe, que tal filho pare! aquillo são deputados de mão cheia, que tiram a gente de sustos! Lá vou; hei de me ajuntar com elles; pagar-lhes do que me elles fizerem receber, pagar-lhe, sim Sr., por que assim como eu não trabalho de graça, não quero que os mais o façam, e terei o prazer de dar com o tal meu amigo na cadeia, e depois em Angola ou na forca, se puder ser.

Mas a proposito, tambem hei de pedir, que vão elles propôr uma lei contra os advogados ignorantes, que só querem comer o dinheiro á gente, e que não sabem do seu officio. Maroto! dizer que não ha leis, quando dous deputados da nação, dous deputados, dizem que ha! patifao! nunca mais lá torno.

Adeus, Sr. redactor. Esquecia-me: diga-me se sabe onde mora o Sr. Urbano para poder procural-o.

(*desenganado.*)